

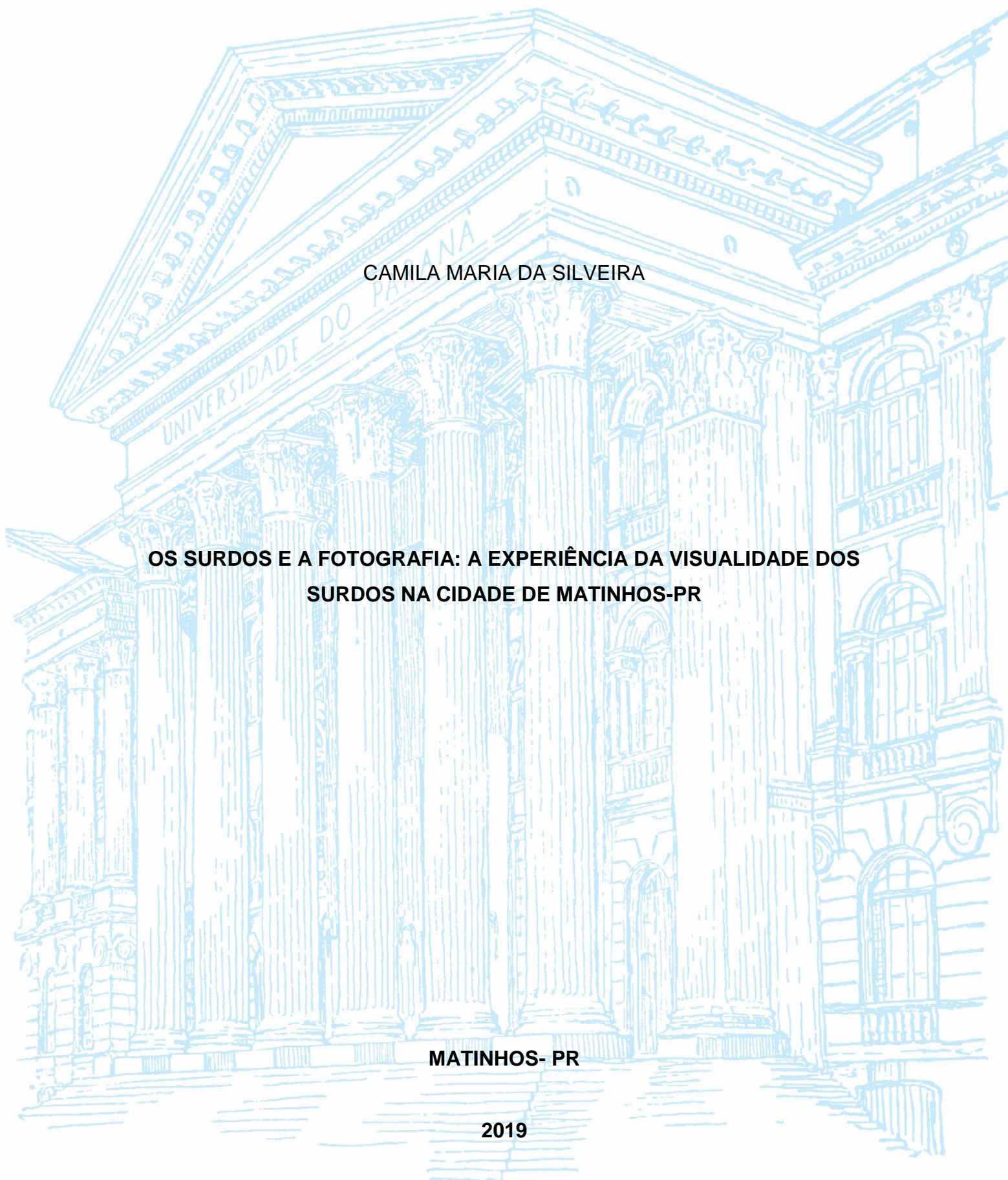
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR LITORAL

CAMILA MARIA DA SILVEIRA

**OS SURDOS E A FOTOGRAFIA: A EXPERIÊNCIA DA VISUALIDADE DOS
SURDOS NA CIDADE DE MATINHOS-PR**

MATINHOS- PR

2019



CAMILA MARIA DA SILVEIRA

**OS SURDOS E A FOTOGRAFIA: A EXPERIÊNCIA DA VISUALIDADE DOS
SURDOS NA CIDADE DE MATINHOS-PR**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Artes da Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral, como requisito à obtenção do título de Licenciada em Artes.

Orientador Ms. Ringo Bez de Jesus

MATINHOS

2019

TERMO DE APROVAÇÃO

CAMILA MARIA DA SILVEIRA

OS SURDOS E A FOTOGRAFIA: A EXPERIÊNCIA DA VISUALIDADE DOS SURDOS NA CIDADE DE MATINHOS-PR

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Licenciatura em Artes, da Universidade Federal do Paraná- Setor Litoral, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Artes.

Profe. Orientador Ms. Ringo Bez de Jesus

Universidade Federal do Paraná- Setor Litoral

Profa. Ms. Patrícia Paula Schelp

Universidade Federal do Paraná- Setor Litoral

Profa. Dr. Luciana Ferreira

Universidade Federal do Paraná- Setor Litoral

Matinhos, 29 de novembro de 2019.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos que acreditaram, apoiaram e contribuíram para este trabalho, principalmente a uma estrela que hoje brilha no céu, Bruna Pivatto, que nunca desistiu de me ensinar a cada aula um pouco sobre essa língua incrível que é a LIBRAS.

Além disso, agradeço a interprete Maria Eunice que durante os 4 anos de ensino médio esteve ali incentivando e disseminando a língua de sinais. Obrigada a professora Patrícia Paula que me incentivou a não desistir desta pesquisa e ao Ringo que me orientou para finalizá-la.

E aos que se foram, mas principalmente aos permaneceram e que apareceram, durante esses quatro longos anos de graduação, que parece que passou voando.

Agradeço imensamente a paciência e compreensão dos mais próximos, pelos sumiços e stress que esse presente trabalho causou.

Obrigada aos envolvidos!

*As nossas diferenças são a nossa força enquanto
espécie e enquanto comunidade mundial.*

– Nelson Mandela

RESUMO

Esta monografia, tem como objetivo a sensibilização do ouvinte, em relação as experiências visuais, ou seja, a visualidade e o cotidiano do sujeito surdo. Além disso, o propósito da pesquisa é identificar quais as relações estabelecidas entre os surdos e a cidade de Matinhos. Este estudo foi desenvolvido através da participação de quatro surdos que frequentam a UFPR Litoral. A pesquisa tem como fundamentação o projeto FotoLibras. Com fontes diversas sobre os estudos dos surdos, arte e fotografia, a pesquisa é perpassada por resumos, conceitos relacionados a cultura surda e seu cotidiano, incluindo os estudos sobre as identidades surdas. Além disso, a pesquisa relata estudos voltados a imagem/fotografia, com conexões conceituais a luz da antropologia visual e o surgimento da fotografia. Ao perpassar o estudo é possível compreender a relação humana com a fotografia, tanto para a pessoa ouvinte quanto a pessoa surda. Finalizando a pesquisa, apresentaremos as imagens registradas pelos surdos e o relato dos mesmos em relação a imagem. Para elucidar o processo de identificação e análise, seguimos, posteriormente, com as interpretações e análises das imagens, bem como a relação da mesma com as identidades surdas estudadas na pesquisa.

Palavras-chaves: surdo, visualidade, FotoLibras, UFPR Litoral, Matinhos.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

FOTOGRAFIA 1 – arquivo pessoal Sirlei.....	28
FOTOGRAFIA 2 – arquivo pessoal Sirlei.....	28
FOTOGRAFIA 3 – arquivo pessoal Sirlei.....	29
FOTOGRAFIA 4 – arquivo pessoal Brenda.....	30
FOTOGRAFIA 5 – arquivo pessoal Brenda.....	31
FOTOGRAFIA 6 – arquivo pessoal Brenda.....	32
FOTOGRAFIA 7 – arquivo pessoal Luana.....	33
FOTOGRAFIA 8 -arquivo pessoal Luana.....	34
FOTOGRAFIA 9 – arquivo pessoal Luana.....	35
FOTOGRAFIA 10 – arquivo pessoal Rodrigo.....	36
FOTOGRAFIA 11 – arquivo pessoal Rodrigo.....	36
FOTOGRAFIA 12 – arquivo pessoal Rodrigo.....	37

LISTA DE SIGLAS

APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais

ASL – American Sign Language

FENEIS – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas

INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos

LGP – Língua Gestual Portuguesa

LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais

LS- Língua de Sinais

LSF- Langue des Signes Française

PA – Projeto de Aprendizagem

SEPOL – Seção de Políticas Afirmativas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 A COMUNIDADE SURDA	11
1.1 OS DIREITOS LINGÜÍSTICOS DA COMUNIDADE SURDA BRASILEIRA.....	12
1.2 AS IDENTIDADES SURDAS	15
2. A ANTROPOLOGIA VISUAL.....	17
2.1 A SEMIÓTICA COMO ÁREA DO CONHECIMENTO	18
2.2 A HISTÓRIA DO SURGIMENTO DA FOTOGRAFIA.....	20
2.3 AS RELAÇÕES HUMANAS COM A FOTOGRAFIA, DO OUVINTE AO SURDO.	23
3.METODOLOGIA DE PESQUISA.....	25
3.1 ABORDAGEM DE PESQUISA.....	25
3.2 PROCEDIMENTOS DE PESQUISA	27
3.3 DESCRIÇÃO DOS SUJEITOS PARTICIPANTES NO CONTEXTO DE PESQUISA.....	29
4. A PESSOA SURDA E A SUA RELAÇÃO COM A FOTOGRAFIA.....	30
4.1 O QUE AS FOTOS DIZEM	31
4.2 A RELAÇÃO DAS IMAGENS COM A IDENTIDADE SURDA	42
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	Erro! Indicador não definido.
REFERÊNCIAS.....	46
ANEXO I.....	51

INTRODUÇÃO

A pesquisa elaborada nesta monografia foi desenvolvida através das ideias apresentadas no projeto FotoLibras (2009). Este projeto teve início no ano de 2006, na capital de Recife, em Pernambuco. A execução do projeto deu-se através de uma conversa entre integrantes da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos – FENEIS, com três fotógrafos. O pano de fundo do FotoLibras era a compreensão da fotografia como uma forma de comunicação entre os surdos.

Nesta perspectiva, o projeto apresentava a sua temática voltada à fotografia participativa com pessoas surdas, visando a utilização de fotos como uma forma de expressão e comunicação, tendo como finalidade a visibilidade e inclusão dos surdos na sociedade. A primeira oficina do FotoLibras, aconteceu em Pernambuco no ano de 2007, com a participação de 25 jovens.

Apesar de vivermos em uma sociedade puramente visual e auditiva, o sujeito surdo, não vivencia os sons, sendo ele, neste recorte, um sujeito inteiramente visual-espacial. Partindo deste ponto, a arte de fotografar torna-se uma experiência que se faz e não se desfaz, quando pensamos nas atividades de registros imagéticos.

Conforme citado anteriormente, o projeto FotoLibras é uma referência na execução deste trabalho de conclusão de curso, que teve início como um Projeto de Aprendizagem – PA na Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral. A ideia inicial deste projeto era que alguns dos surdos presentes no município de Matinhos fotografassem os momentos de seu cotidiano que lhe representem: felicidade/alegria; tristeza; desafio e definição de você. No entanto, ao decorrer da pesquisa observamos que seria interessante que os surdos fotografassem, ou entregassem fotos já retiradas por eles, que representassem a sua questão identitária como surdo.

O objetivo final desta pesquisa é demonstrar aos ouvintes, a realidade do cotidiano da pessoa surda, percebendo quais são as suas conexões imagéticas com a realidade presente em suas vidas, contrastando com a sua questão identitária e semiótica.

O conjunto de indagações dispostos nessa pesquisa derivam de uma

pergunta principal, a saber:

- 1) Qual a relação imagética do surdo com a fotografia?

Tal questão desdobra-se em interrogações ulteriores, que são:

- 1) Qual a relação visual do surdo com a sua identidade enquanto morador da cidade de Matinhos?
- 2) O surdo atrela relações imagéticas da cidade com a sua identidade?

O tema inicial desta pesquisa era: “o surdo e a fotografia”, no entanto, com a delimitação do tema, foi necessário realinhar as ideias, e a proposta principal da pesquisa se restringiu a investigação da relação do surdo com a fotografia, partindo da prática identitária e da visualidade da pessoa surda, através dos seus próprios registros.

1 A COMUNIDADE SURDA

“Através da arte, esperamos ampliar o movimento o qual artistas se apropriam do educar educadores despertam o criar. A consciência da alma aponta para o belo de si mesmo e do meio em que vive então a arte desperta o cidadão e a educação revela o artista.”

Anna Rosa Azra , arte-educadora (2009, p. 27)

O conceito de comunidade tem origem no latim, *communitas*¹, e refere-se à qualidade daquilo que é comum. Além disso, este conceito define um grupo de pessoas que habitam um mesmo território geográfico, que partilham uma cultura, língua, história e uma mesma função/profissão. Além disso, representa as ideias e formas que impulsiona os seres a uma finalidade política e econômica, ou seja, interesses em comum.

Já a Comunidade surda, é um conjunto de pessoas surdas (GESSER, 2015); incluindo intérpretes e/ou pessoas que querem ter contato com surdos

¹ Conceito de comunidade. Disponível em: < <https://conceito.de/comunidade> >

ou sabem a Língua de Sinais (LS). Para compreender a comunidade surda, é indispensável entender que a língua de sinais, é a primeira língua utilizada pelos surdos.

As línguas de sinais, possuem o mesmo status linguístico das línguas orais. Elas ainda são organizadas em decorrência da sua realidade cultural, regional (país, Estado ou região geográfica) e social, sendo assim, não é uma simples língua universal.

As LS têm a sua representatividade na comunidade surda de cada país. No Brasil, a Língua de Sinais é conhecida como Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Em outras regiões, como em Portugal, ela é conhecida como Língua Gestual Portuguesa - LGP, na América do Norte, ela se chama American Sign Language - ASL e na França, Langue des Signes Française (LSF).

A língua de sinais possui uma estrutura gramatical, assim como as línguas orais. Para o pesquisador Willian Stokoe², (citado por Audrei Gesser, 2009) a língua de sinais, apresenta parâmetros gramaticais que se assimilam as gramáticas das línguas orais, e se organizam através da estrutura: Configuração de Mão (CM), Ponto de Articulação (PA) e movimento (M).

Após 1970, os linguistas Robbin Battison, Edward S. Klima e Bellugi, através de estudos realizados sobre a Língua de Sinais Americana (ASL), descreveram os aspectos fonológicos das línguas de sinais, incorporando a um quarto parâmetro nas suas análises. Através das descobertas dos pesquisadores, a orientação da palma da mão passou a ser um dos itens gramaticais incorporados na estrutura da língua de sinais. Portanto, os quatro parâmetros citados acima, fazem parte da gramática da língua de sinais, independente do país, região ou cultura que elas são inseridas.

Portanto, as comunidades surdas, estão em todo o mundo, em todos os lugares, sendo compostas por surdos, familiares e pessoas que utilizam a língua de sinais como meio de comunicação.

1.1 OS DIREITOS LINGUÍSTICOS DA COMUNIDADE SURDA BRASILEIRA

² Willian Stokoe (1920-2000) foi um dos primeiros linguistas a estudar uma língua de sinais com tratamento linguístico. Considerado o pai da linguística da língua de sinais americana.

No livro “a Surdo mudez no Brasil” (2013) publicado pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), aponta que em 1 de setembro de 1920, foi publicada uma proposta de pesquisa feita em todo território brasileiro. A pesquisa tinha como intenção identificar o número de habitantes surdos por cidade e estado no Brasil. Apesar da pesquisa ter iniciado no ano de 1920, os resultados foram publicados apenas no ano de 1924. Naquele ano, os registros apontaram a existência de 26.214 surdos no Brasil. Dentre os dados apresentados, 14.525 eram do sexo masculino e 11.689 do sexo feminino. Para fins de interesse desta pesquisa, no Estado do Paraná, em 1924, existiam 1.168 surdos na região.

Em relação aos dados atuais, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE)³, no ano de 2010, publicou os dados de referência do último censo populacional da cidade de Matinhos. Nestes dados, são apresentados os números de pessoas com deficiência auditiva que residem na cidade. Dentre esses números, 37 pessoas não ouvem de modo algum, 16 pessoas têm grande dificuldade auditiva e 1.392 pessoas tem alguma dificuldade auditiva.

É inevitável que os números apresentados pelo INES no ano de 1924, em sua pesquisa, poderiam ser questionados, afinal, um grande número de pessoas surdas viviam escondidas pelas suas famílias.

Apesar das dificuldades vivenciadas pela comunidade surda, inúmeros avanços foram registrados no Brasil, como o marco legal através da Lei 10.436⁴, sancionada em 24 de abril de 2002, composta por 5 artigos, definiu como meio legal em seu artigo 1, a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS, como meio “de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e outros recursos de expressão a ela associados”.

Além disso, a Lei 10.436, em seu parágrafo único, do artigo 1, definiu a LIBRAS como “forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil”.

³ Pesquisa disponível: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/matinhos/pesquisa/23/23612>

⁴ Documento disponível: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm

Por intermédio da Lei de 10.436, o Decreto 5626 de 2005, reforça então que a pessoa surda é “aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS.”

É importante destacar que o decreto nº5.626, traz a inclusão da LIBRAS como disciplina curricular obrigatória aos cursos de formação docente para o exercício do magistério, além dos cursos de licenciaturas e curso de fonoaudiologia nos cursos das instituições públicas e privadas dos sistemas de ensino brasileiro.

Neste mesmo sentido, o Decreto 5626, impulsionou a entrada de pessoas surdas no ensino superior. No artigo 14, o decreto obriga as “instituições federais de ensino devem garantir, obrigatoriamente, às pessoas surdas acesso à comunicação, à informação e à educação nos processos seletivos, nas atividades e nos conteúdos curriculares desenvolvidos em todos os níveis, etapas e modalidades de educação, desde a educação infantil até à superior. “

Para garantir os atendimentos específicos direcionados à pessoa surda, as instituições federais de ensino devem:

§ 1º Para garantir o atendimento educacional especializado e o acesso previsto no **caput**, as instituições federais de ensino devem:

I - Promover cursos de formação de professores para:

- a) o ensino e uso da Libras;
- b) a tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa; e
- c) o ensino da Língua Portuguesa, como segunda língua para pessoas surdas;

II - Ofertar, obrigatoriamente, desde a educação infantil, o ensino da Libras e também da Língua Portuguesa, como segunda língua para alunos surdos;

III - prover as escolas com:

- a) professor de Libras ou instrutor de Libras;
- b) tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa;
- c) professor para o ensino de Língua Portuguesa como segunda língua para pessoas surdas; e

d) professor regente de classe com conhecimento acerca da singularidade linguística manifestada pelos alunos surdos;

IV - Garantir o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos surdos, desde a educação infantil, nas salas de aula e, também, em salas de recursos, em turno contrário ao da escolarização;

V - Apoiar, na comunidade escolar, o uso e a difusão de Libras entre professores, alunos, funcionários, direção da escola e familiares, inclusive por meio da oferta de cursos;

VI - Adotar mecanismos de avaliação coerentes com aprendizado de segunda língua, na correção das provas escritas, valorizando o aspecto semântico e reconhecendo a singularidade linguística manifestada no aspecto formal da Língua Portuguesa;

VII - desenvolver e adotar mecanismos alternativos para a avaliação de conhecimentos expressos em Libras, desde que devidamente registrados em vídeo ou em outros meios eletrônicos e tecnológicos;

VIII - disponibilizar equipamentos, acesso às novas tecnologias de informação e comunicação, bem como recursos didáticos para apoiar a educação de alunos surdos ou com deficiência auditiva.

§ 2º O professor da educação básica, bilíngue, aprovado em exame de proficiência em tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa, pode exercer a função de tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa, cuja função é distinta da função de professor docente.

§ 3º As instituições privadas e as públicas dos sistemas de ensino federal, estadual, municipal e do Distrito Federal buscarão implementar as medidas referidas neste artigo como meio de assegurar atendimento educacional especializado aos alunos surdos ou com deficiência auditiva. (BRASIL, 2005)

Portanto, a garantia dos direitos linguísticos das pessoas surdas perpassa todas as instituições educacionais, e precisam ser reconhecidas como uma pauta permanente de inclusão, especialmente nos cursos de licenciatura, conforme rege legislação acima citada.

1.2 AS IDENTIDADES SURDAS

As pessoas surdas, ao longo da história, receberam inúmeras formas de reconhecimento, algumas delas, especialmente a vertente clínica, colocava um olhar exclusivamente médico e patológico diante do surdo. Podemos analisar um trecho do autor Behares (citado por Vilma G. Slomski, 2010,

paginação irregular), que reconhece a pessoa surda como aquela “que, por portar um déficit auditivo, apresenta uma diferença em relação ao padrão de normalidade”. Portanto, a visão aqui mencionada, leva a compreender que a questão identitária e linguística é meramente ignorada, dando lugar a uma visão patológica.

Apesar de abordagens médicas e clínicas terem a maior visibilidade no comum imaginários dos sujeitos, alguns autores, especialmente, o destaque a professora Doutora e surda, Gladis Perlin, constroem um contraponto científico pautado na análise da surdez através de uma abordagem cultural e social. Para a autora a constituição da pessoa surda está ligada através da sua “relação à experiência visual e longe da experiência auditiva” (Perlin, 2013, p. 54), sendo esta experiência visual e gestual o cerne da diferença entre as pessoas surdas e ouvintes.

Além disso, Perlin, aponta no livro “A surdez: um olhar sobre as diferenças”, organizado por Carlos Skliar no ano de 2013, a existência de múltiplas identidades surdas. Para compreendermos algumas das identidades apresentadas por Perlin, apresentaremos sucintamente as descrições representadas nos pressupostos teóricos da autora.

Identidades surdas: As identidades surdas estão presentes no grupo em que os surdos começam a fazer o uso da experiência visual. Onde cria-se um espaço cultural visual dentro de um espaço cultural diverso. É a identidade que recria a cultura visual.

Identidade surdas híbridas: quando os surdos nascem ouvintes e tornam-se surdos com o tempo. Conhecem a estrutura do português falado, usando-o como língua. Ou seja, quando foi alfabetizado/letrado através do português, depois adquiriu a língua de sinais, sendo assim, um sujeito com duas línguas, como cita Perlin (2013. p.64) “Você não é um, você é duas metades”.

Identidade surda de transição: quando o surdo é mantido em “cativeiro”, geralmente quando é filho de pais ouvintes, e tem experiências de ouvinte. A transição acontece quando o sujeito surdo passa a ter contato com

a comunidade surda, assim chamado de um processo de “desouvintização”⁵, geralmente ficam com sequelas da representação da pessoa ouvinte, e esses traços ficam evidentes em diversas etapas da vida da pessoa surda.

Identidade surda incompleta: são os surdos que vivem com uma ideologia ouvintista latente, eles são desenvolvidos para socializar da mesma forma que os ouvintes (cultura dominante). O ouvinte tem um poder que dificilmente é quebrado pelos surdos, pois o sistema social é baseado e construído para a pessoa ouvinte. Ou seja, o surdo nega sua própria identidade, pelo fato da perspectiva ouvinte ser superior a questão da identidade surda.

Identidades surdas flutuantes: o surdo vive negando sua surdez, querendo ser ouvintizado. É visto entre os surdos que não se encaixam na comunidade ouvinte, mesmo sendo a sua vontade. Eles não se esquadram nem na comunidade ouvinte e nem na comunidade surda, primeiro por não conseguirem se comunicar na língua oral e nem na língua de sinais. Por conta disso, essa pessoa surda vive flutuando entre as duas comunidades.

Sendo assim, as identidades dos sujeitos surdos, se caracterizam por meio de suas experiências individuais. As interações com a língua de sinais e a visualidade, ajudam a pessoa surda a encontrar a sua comunidade e desenvolver a sua identidade pautada na valorização do seu aspecto social e cultural, baseado no respeito e promoção da sua língua, a língua de sinais.

2. A ANTROPOLOGIA VISUAL

“O olho do homem serve de fotografia ao invisível, como o ouvido serve de eco ao silêncio”
Machado de Assis.

Nesta pesquisa, o arcabouço metodológico das análises dos dados obtidos, serão contemplados no viés da antropologia visual que estuda as manifestações culturais, através de registros fotográficos. Valorizando a

⁵ Termo utilizado por Gladis T.T. Perlin, no livro A Surdez de Carlos Skliar (org.), do ano de 2013, pag. 64.

interseção entre as identidades surdas, o local de vivência destas experiências e a percepção do sujeito surdo, enaltecendo os aspectos da cultura visual em relação a organização social que este sujeito se encontra inserido.

A antropologia visual é área da ciência que tem como objetivo principal a investigação de signos e códigos visuais. Ela se debruça metodologicamente sobre os objetos e espaços demarcados visualmente, além de investigar e retratar os comportamentos, e atitudes e até mesmo o estilo de vida dos indivíduos.

Para Ribeiro (2005), a antropologia visual inclui três domínios interdependentes de análises:

1. O estudo das manifestações visuais da cultura – expressão facial, movimento corporal, dança, vestuário e adornos corporais, uso simbólico do espaço, ambiente arquitetural e construído, os objetos.
2. O estudo dos aspectos picturais da cultura, das pinturas das cavernas a fotografias, filmes, televisão, vídeo doméstico, etc.
3. O uso dos meios visuais para comunicar o saber antropológico. (Pink, 1992, p. 124)

Para justificarmos a nossa escolha, baseamos o olhar das premissas interdisciplinares no bojo da antropologia visual, realizando a constituição de um campo “interdisciplinar entre as ciências sociais e as artes, as ciências e as tecnologias da comunicação.” Ribeiro (2005, p. 637). Com isso, a identidade surda, a fotografia e a cultura surda se entrelaçam na obtenção dos dados e análises das informações apresentadas.

2.1 A SEMIÓTICA COMO ÁREA DO CONHECIMENTO

Nesta seção, apresentaremos alguns pressupostos teóricos a luz da semiótica. Sabemos da complexidade que o conceito da semiótica é trabalhado por pesquisadores. No entanto, é importante destacar, que as informações aqui apresentadas são um ensaio teórico, no intuito de estabelecer possíveis conexões com o campo apresentado.

O signo é a essência da semiótica, como cita Lucia Santaella (2007). Para a autora, ambos os conceitos estão interconectados, como uma espécie de estrutura que “uma coisa lembra outra coisa.” Portanto, a semiótica são

todas as formas em que o homem se comunica, sendo todas as linguagens, ou seja, é a ciência que nos ajuda a olhar o mundo. Para o autor Charles Sanders Peirce (1839-1914), principal pensador e pesquisador sobre a semiótica, o signo “é aquilo que representa alguma coisa para alguém sob determinado prisma”.

Peirce foi o instituidor do pragmatismo que é, um método para a determinação de significados. Para o autor, o pragmatismo não é uma filosofia do mesmo, mas um recurso para pensamento filosófico (fazer filosofante). Em uma metodologia peirceana, a estrutura do raciocínio tem como apoio a relação triádica, onde todo significado surge de uma hipótese, parte para uma operação e torna-se uma experimentação. A proposição pragmática parte de três elementos lógicos: a primeiridade; secundidade e terceiraidade. Sendo a primeiridade, a sensação (sentir); secundidade reação ou resposta e terceiraidade a representação, portanto, a ligação entre os dois termos (reação e representação), da origem ao signo, que tem a conexão direta com a terceiraidade (representação).

Para Peirce (*apud* Valente (2013)), tudo acontece partindo de uma relação triádica entre signo – objeto – interpretante. O signo representa uma coisa, a coisa é representada por objeto; objeto a coisa propriamente dita e o interpretante se dá partindo da criação na mente de quem vê o signo.

De acordo com Valente (2013, *on-line*) A Teoria dos Signos, criada por Charles Peirce, desempenha um papel de extrema importância em diversos estudos do campo comunicacional.” Como já referendado neste trabalho, o signo é a essência da semiótica.

Concatenando com o autor Valente (2013) ainda sobre a semiótica, sabemos que ela “está bem perto da origem da vida, uma vez que, sem informação e energia, aquela última não existe.” Ou seja, apesar da semiótica ser tudo o que está em nosso entorno (consciência), ela pode exatamente não existir, pois há possibilidades de vivenciarmos somente a primeiridade, ou seja, a sensação.

Portanto, se seguirmos a concepção da representação, baseando-se no signo, o autor Valente (2013) nos alerta da possibilidade de que “quando então pensamos, surgimos como signo”, originando-se assim um pensamento do subconsciente, ou seja, o nosso interior.

2.2 A HISTÓRIA DO SURGIMENTO DA FOTOGRAFIA

*Foto = Luz; Grafia= escrita*⁶

A fotografia não parte da experiência de um único “inventor”, mas de um conjunto de ideias, que foi se constituindo até tornar-se o que conhecemos hoje.

Os estudos que originaram as discussões acerca da concepção da fotografia, originou-se com Joseph Niépce, no final do século XVIII (18), que produziu sua primeira fotografia em 1826, recendo o nome de heliografia.

A experiência de Niépce incentivou Louis Daguerre, que elaborou o então daguerreótipo, que em 1839, foi apresentado à Academia das Ciências.

A invenção do termo daguerreótipo, assim denominado pelo próprio Daguerre, representava o processo de recobrimento de uma placa de cobre por uma fina camada de prata e que, de tão polida, sua superfície se assemelhava a um espelho. Segundo Boris Kossoy, “a imagem obtida diretamente sobre a lâmina de prata já era o produto final: o positivo. Isto significa que essa imagem era única, não podendo ser multiplicada como no processo negativo/positivo.” (CALDEIRA, 2012, p.215).

Já em 1888, o norte-americano George Eastman, montou uma pequena máquina, que recebeu o nome de Kodak. Desde então, a construção, o objeto final, a máquina, foi oferecida aos amadores. A intenção do contato com os amadores era reconhecer e justificar que todo o processo técnico foi convalidado pelos usuários da Kodak, com o intuito de aprimorar o que se conhecia como imagem. Como aperfeiçoamento dos filmes e a redução do tempo para fotografar, surgiu então, o que conhecemos como fotografia “instantânea”.

A primeira fotografia de Niépce demorou 8 horas para ficar pronta, e dependia totalmente da luz do sol. Com a evolução técnica executada por Louis Daguerre, a fotografia passou a ficar pronta em até 30 minutos, no

⁶ Anotação feita durante o módulo, reconhecimento da arte e da cultura no Litoral do Paraná, docente dr. Ana Elisa de Castro Freitas.

entanto, ainda dependia da luz solar no processamento da película.

William Henry Talbot, em 1841, descobriu um modo de obter cópias das fotografias, nomeando o objeto de negativo. Mas após 7 anos, Frederick Scott Archer, inventou o processo de *colódio úmido*. A junção das técnicas possibilitou a descoberta da maneira de revelar a foto obtida pelo fotógrafo.

Após invenção e aperfeiçoamento da fotografia, Eastman em 1880, abriu sua confecção de chapas secas. Eastman Kodak Company, em alguns anos ficou popularmente conhecido como Kodak. Após o alcance popular ele lançou a primeira câmera fotografia que poderia registrar até 100 fotografias.

É interessante ressaltar que a primeira máquina lançada pela companhia Kodak, conforme dito acima, poderia registrar somente 100 fotos, e após as 100 fotos, o proprietário deveria comprar outra, pois não era possível a substituição do rolo de filme na máquina.

Ao longo dos anos a empresa foi *aprimorando* a câmera e então a substituição do rolo já era possível. Com o sucesso, a empresa Kodak, tornou-se uma das mais importantes marcas históricas da fotografia, pois ela teve um papel crucial na *popularização* das câmeras fotográficas.

Em 1861 o físico James Clerk Maxwell e seu assistente Thomas Sutton, fizeram a primeira fotografia colorida. A experiência surgiu através experimentos com diferentes filtros, como: vermelho; verde e azul, originando assim a tecnologia RGB.

No entanto, com o advento das técnicas executadas pelos irmãos Lumiere, que se debruçaram aos estudos voltados aos *autocromos*⁷ *colorido*, os irmãos reconheceram que a técnica tinha alto custo de execução, que impossibilitava a comercialização naquele momento da história.

Entretanto somente em 1935, a Kodak encontrou uma maneira de comercializar a tecnologia da fotografia colorida de maneira mais acessível. Na década de 70, os equipamentos de fotografia colorida, passaram a ter o mesmo valor dos equipamentos de foto preto e branco.

⁷ O processo utilizava uma chapa de vidro sobrepostas por camadas de fécula de batata, tingidas de laranja, verde e violeta (uma aproximação das cores primárias: vermelho, verde e azul). A chapa com essa mistura era inserida na câmera fotográfica, ficando à frente da chapa com a emulsão em preto e branco. Ao fotografar determinada cena as informações de cores eram retidas nas partículas de batata e o resto da cena era capturada normalmente em preto e branco. Após o processo de revelação, ao sobrepor ambas as chapas de vidro e iluminando-as por trás, é possível ver uma fotografia colorida. (Balde digital, 2010)

Com o desenvolvimento das técnicas e estudos, a primeira câmera digital foi apresentada pelo engenheiro elétrico da Kodak, em 1975, A câmera digital e demorava cerca de 30 segundos para bater a fotografia.

Apesar do avanço e desenvolvimento do registro fotográfico digital, apenas 15 anos depois, a primeira câmera digital foi comercializada aos usuários e fotógrafos.

Em apenas 10 anos de comercialização a fotografia digital ganhou espaço no mercado e, já possuía sistemas de armazenamento e visualização da fotografia, sem custo algum, diretamente na máquina fotográfica. Os sistemas inteligentes de armazenamentos eram executados nos cartões de memória e com o passar dos anos ganhou espaço em celulares, computadores etc.

Apesar de toda evolução engenhosa, a fotografia, ainda se dá partindo dos jogos de luzes.

Atualmente, a fotografia tornou-se uma forma expressão e registro que facilita a representação de imagens e sentimentos dos indivíduos. Ela passou a pertencer ao nosso cotidiano em diversas mídias e maneiras, e é conhecida mundialmente. A fotografia se dá por meio de um processo criativo interno e pessoal.

Concordando com o autor Dobois quando se refere que:

“Toda reflexão sobre um meio qualquer de expressão deve se colocar a questão fundamental da relação específica existente entre o referente externo e a mensagem produzida por este meio” (Dobois, 2012 p.25)

Já Martins, diz que “das formas de expressão visual da realidade social, a fotografia é aquela que ainda procura o seu lugar na sociabilidade contemporânea” (2014, p.33). Sendo assim, a foto é de fato, uma maneira de expressão, mas que ainda não tem um grande espaço na sociedade, apesar do seu acesso facilmente adquirido.

Apenas das inovações conceituais, de registro e de mídias na captura das imagens fotográficas, percebemos que a fotografia ainda passa por processos de evolução constantes, a cada dia alguém aprimora e ressignifica o ato fotográfico, por conta disso, as pessoas fazem a adesão de forma

significativa, tornando o ato da fotografar uma forma de expressão com grande adesão popular.

2.3 AS RELAÇÕES HUMANAS COM A FOTOGRAFIA, DO OUVINTE AO SURDO.

A fotografia, é uma linguagem visual que funciona como um método de comunicação e transmissão que acontece de acordo com a essência da imagem. Quando direcionamos o olhar para definido local, imediatamente determina-se um ângulo e um significado para determinada visão, logo, acontece o momento do registro do espaço.

Geralmente registramos imagens para que possamos guardar aquele momento ou espaço/tempo para uma possível lembrança. Hoje em dia é perceptível ver as pessoas registrando um número considerável de fotos. Esses registros ocorrem em diversos momentos e acontecimentos, tanto para mostrar para outras pessoas nas redes sociais, ou para uma montagem de um arquivo pessoal de imagens, que poderá ser acessado a qualquer momento.

As pessoas registram suas imagens já que os momentos passam e as memórias podem ficar armazenadas. Sabemos da existência da memória cerebral, no entanto, podemos armazenar as imagens também usufruindo das memórias através dos registros das fotos, como exemplifica Martins:

A fotografia como “representação social” só é na medida em que contempla “memória do fragmentário”, como propõe o autor, ou no momento em que o fotógrafo se conscientiza da impossibilidade de retratar ou “congelar” a realidade, “aquilo que lá está” ou que “ali esteve”. (MARTINS, 2008, p 215)

A fotografia tornou-se um *pedaço* da memória, em que o homem cria determinada relação de afeto, Silva (2014 p.67) sobre o afeto; “... o *afeto lida com um pensamento que não encontra representação: podemos odiar ou amar alguma coisa, por exemplo, mas não encontramos representação possível para os sentimentos de amor e ódio.*” Podemos então perceber que a fotografia se torna uma memória/lembrete, que pode ser compartilhada ou até mesmo impressa, tendo ela em mãos das duas formas.

Concordando com Rodrigues (2015 p.37)

“um sujeito surdo atravessa na vida por meio das sensações, que dança não ouvindo o ritmo da música, mas a partir da vibração que a sonoridade nele produz. Um sujeito surdo experimenta uma língua com sentidos particulares, bem como uma escrita e uma comunicação singular. Um sujeito surdo experiencia uma vida.” Rodrigues (2015 p.37)

Portanto o surdo, tem uma experiencia de vida de uma maneira diferente do ouvinte, partindo desse ponto, podemos imaginar que a fotografia tem para o mesmo, significados diferentes, sendo que suas experiencias são inteiramente visual, mas é importante lembrar que existem diferentes identidades surdas e claro, cada sujeito surdo se “encaixa” em uma identidade diferente resultando então em significados totalmente diferentes. Pelo fato de que o surdo utiliza a arte para expressar sua experiência e mostrar aspectos de sua cultura, concordando com Bataglin:

A arte é artefato fundamental da identidade surda, seja através das pinturas, do teatro, das filmagens, da literatura. A arte surda traz aspectos da cultura surda, da identidade e da língua dos surdos, que são caracterizados pela experiência visual e que revela o caminho para a auto representação do sujeito surdo. Bataglin (2012, p.09)

Seguindo esta linha de pensamento, podemos perceber que a arte (em suas diversas linguagens) auxilia o surdo a se encontrar e se perceber dentro da sociedade, fortalecendo a sua identidade e claro mostrando para a sociedade diversos temas, como apresenta Strobel (citado por Bataglin, 2012, p.12)...” através de desenhos, pinturas, e demais manifestações artísticas, o surdo procura expor temas como a beleza, o equilíbrio, as revoltas decorrente de discriminações sofridas.”

Sobre o surdo e a fotografia, Bataglin aponta:

A fotografia trabalha com a imagem, ou seja, essa imagem diz respeito ao que o surdo vê, se identifica, e registra. Através das imagens que obtém, ele se reflete, reflete seu modo de vida. As artes, os livros, os textos, as imagens são mais do que expressões da cultura, eles se constituem como artefatos que produzem modos de ser. Bataglin (2012, p 14).

Sabendo que a fotografia é uma *manifestação artística*, concluímos que, a relação do surdo com a fotografia, vai da sua percepção como sujeito surdo,

em que o mesmo se reconhece através das identidades surdas apresentadas por Gladis Perlin, até apontamentos de “temas” disparadores ou que lhe representem, lembranças de tempos que passaram e foram boas, até coisas que acontecerem e foram ruins.

3.METODOLOGIA DE PESQUISA

Metodologia, de acordo com Cativo (2017) é um estudo dos métodos, divididos por etapas em um processo, tendo como objetivo registrar e analisar através de alguns métodos, sendo método algum fenômeno ou objeto de pesquisa. Além disso, uma metodologia é também uma maneira de condução utilizada para procedi mentalizar pesquisas ou estudos.

3.1 ABORDAGEM DE PESQUISA

A abordagem metodológica em uma pesquisa é a parte principal no eixo de construção da aplicabilidade de um método. Para chegarmos a esta etapa, o pesquisador necessita reconhecer a abordagem, os métodos e o contexto em que a pesquisa é inserida.

Após lançar mão de inúmeras leituras e estudos, incluindo os módulos realizados no curso de licenciatura em Artes, no qual eu me integro enquanto estudante, reconheci que a minha pesquisa se enquadrava em uma abordagem qualitativa.

De acordo com Gerhardt e Silveira (2009, p.31) “A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.”.

Partindo dessa premissa, ou seja, a pesquisa que apresento, é uma breve compreensão de como uma pessoa surda, moradora da cidade de Matinhos, se reconhece a sua identidade surda através do olhar fotográfico.

A intenção, desde o início desta pesquisa, era reconhecer qual a relação identitária do surdo com o seu lugar de vivências, no caso, a cidade em que ele habita.

Neste quesito, a semiótica e fotografia, são aliados neste processo de registro, haja vista a importância da visualidade da pessoa surda.

Além disso, esta pesquisa apresenta uma abordagem de pesquisa-ação, já que a pesquisadora se envolve diretamente com a comunidade e com os dados obtidos. Para Gil (2002) uma pesquisa-ação, pode se caracterizar pela interação entre pesquisador e sujeito que foi pesquisado, o autor ainda aponta que a pesquisa-ação, acontece reconhecendo as variáveis ocorridas entre as diferentes fases de uma pesquisa. Partindo da ideia do autor, algumas fases por ele reconhecidas, perpassam entre os seguintes aspectos:

- a) fase exploratória;
 - b) formulação do problema;
 - c) construção de hipóteses;
 - d) realização do seminário;
 - e) seleção da amostra;
 - f) coleta de dados;
 - g) análise e interpretação dos dados;
 - h) elaboração do plano de ação;
 - i) divulgação dos resultados.
- (GIL, 2002, p.143)

Nesta pesquisa, elencaremos as fases passadas conforme a proposta do autor, no entanto, não será pontuada em forma de tópicos os processos, mas sim, serão escritos e vivenciados pelo leitor, e facilmente reconhecidos.

Na fase exploratória de uma pesquisa é comum que os autores elaborem propostas partindo das suas experiências pessoais ou estudos.

Para tal, em um primeiro momento, explorei inúmeros estudos que podem incorporar a minha proposta como uma forma de pesquisa. Em seguida, formulei o problema, e construí as hipóteses, destacando que fora normal a transição de ideias e hipóteses, pois ela permeia a construção de uma proposta de pesquisa.

Após delimitado o tema, iniciei o processo de busca dos dados, no entanto, é importante considerar, conforme aponta o pesquisador Gil (2002) que “tão logo tenha sido delimitado o universo da pesquisa, surge o problema de determinar os elementos que serão pesquisados”.

Quando iniciamos os processos de coleta, tivemos alguns atrasos por parte dos participantes envolvidos, incluindo atrasos nas entregas dos registros e morosidade no retorno dos participantes surdos.

Em seguida, com as imagens, partimos para as análises e intercorrências conceituais, sempre colocando em xeque o plano de ação e as hipóteses levantadas por mim.

Por fim, chegamos a este material, que em seguida, irá compor o arcabouço metodológico deste material, sendo comumente reconhecido como resultado de pesquisa.

3.2 PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

A coleta de dados ocorreu através de um encontro solicitado pelo professor orientador junto a um grupo de quatro surdos. O encontro ocorreu na UFPR- setor litoral.

O encontro ocorrido era parte crucial do procedimento metodológico desta pesquisa, haja vista a necessidade de um contato visual e inicial com os surdos envolvidos na pesquisa.

Durante o encontro que aconteceu no dia 11 de setembro de 2019, na sala da Seção de Políticas Afirmativas – SEPOL, o professor orientador encaminhou a nossa proposta aos alunos surdos. Realizei a apresentação da proposta de trabalho, o objetivo final, e quais seriam os temas disparadores e como as fotografias poderiam ser feitas e encaminhadas para mim.

É importante ressaltar que todo o processo junto aos surdos foi realizado por meio da língua brasileira de sinais – LIBRAS, respeitando as condições linguísticas e específicas da comunidade surda.

Neste encontro acordamos coletivamente que os participantes encaminhariam as imagens através do WhatsApp. Além disso, definimos os prazos de 15 dias para o retorno dos mesmos com as fotos.

Inicialmente os perfis e temas disparadores das imagens solicitadas eram em relação aos sentimentos disparadores elencados a seguir: alegria, tristeza, desafio e definição de você.

A metodologia inicial aplicada era então que os surdos fotografassem momentos do seu dia a dia que representassem os sentimentos disparadores acima apresentados.

Após acordado todos os procedimentos metodológicos com os

participantes surdos, os mesmos não retornaram na data prevista com as imagens. Encaminhamos novamente um vídeo em LIBRAS para explicar a necessidade de retornar com os materiais.

Como tivemos alguns contratempos em relação ao retorno dos participantes surdos, remarcamos novamente uma data para entrega das imagens.

Quando percebemos as dificuldades dos surdos em relação aos temas disparadores, decidimos encaminhar novamente um vídeo e agendar conversas individuais que ocorreram por conta do orientador com os surdos para que os mesmos aplicassem então uma nova metodologia proposta.

A nova proposta era simplificar o processo da coleta de dados, haja vista, a necessidade do retorno dos surdos. Nesta nova configuração, pedimos então que os surdos encaminhassem 3 fotos que tivessem relação direta com a identidade deles vivenciadas na cidade de Matinhos.

Os participantes surdos poderiam encaminhar fotos já tiradas por eles, ou então, preferencialmente, os surdos foram induzidos a tirar 3 fotos que representassem o momento da identidade surda deles neste contexto da cidade de Matinhos.

Em seguida, marcamos então a entrega para o dia 23 de outubro, juntamente com a entrevista sobre as imagens, para que eles pudessem esclarecer e fazer as inferências sobre a identidade dos mesmos em relação as imagens capturadas.

No dia 23, os surdos encaminharam as fotos em seguida as nomeamos, e assim prosseguimos com a entrevista. As perguntas realizadas na entrevista eram em torno da obtenção dos seguintes tópicos:

- 1 – O que essa foto representa
- 2 – Qual a razão de sua escolha
- 3 – Qual a relação identitária com essa foto

É salutar que tenhamos escolhido as entrevistas semiestruturadas em relação aos tópicos, pois elas nos deram a margem de compreender as relações estabelecidas pela pessoa surda com a questão proposta na pesquisa.

Pode-se qualificar como uma entrevista, a perspectiva por nós adotada e referendada por Gil (2002, p. 115): “Entrevista, por sua vez, pode ser entendida como a técnica que envolve duas pessoas numa situação “face a face” e em que uma delas formula questões e a outra responde.”

Por fim, passaremos a descrição dos sujeitos envolvidos na pesquisa apresentada.

3.3 DESCRIÇÃO DOS SUJEITOS PARTICIPANTES NO CONTEXTO DE PESQUISA

Dos participantes:

Reconhecer os participantes sujeitos de uma pesquisa é dar voz e visibilidade aos envolvidos.

Nesta pesquisa, por vez, o requisito principal para participação era:

- 1 – Ser surdo
- 2 – Utilizar a LIBRAS
- 3 – Ser morador da cidade de Matinhos

A seguir apresentaremos brevemente as pessoas envolvidas na pesquisa:

Sirlei de Oliveira, 42 anos, é da cidade de Matinhos, usuária de Libras e tem dois filhos.

Brenda Antunes, 26 anos, discentes da UFPR Litoral, é indígena e usuária de Libras, nascida em São José - SC.

Rodrigo Ramos, 33 anos, é discente da UFPR Litoral, trabalha no comércio, é surdo e usuário de Libras, nativo da cidade de Matinhos.

Luana Pires de Camargo, 24 anos, é discente da UFPR Litoral, é surda, usuária de libras e mãe de uma menina, nativa da cidade de Matinhos.

Como apresentado acima, todos os participantes teriam como requisito principal ser surdo e usuário de Libras, pois entendemos que este perfil contribui para analisarmos as imagens através da identidade surda, conforme apresentamos acima os pressupostos teóricos sobre as identidades surda, elencados pela pesquisadora e surda, Gladis Perlin.

4. A PESSOA SURDA E A SUA RELAÇÃO COM A FOTOGRAFIA

De acordo com Azra (*apud* FOTOLIBRAS 2009, p.35) “a fotografia é uma forma de expressão o visual, assim como a Libras, e pode servir como meio de comunicação entre pessoas que sabem e que não sabem Libras.”.

Portanto, quando percebemos a fotografia como uma forma de expressão, é possível estabelecermos relações entre os resultados da pesquisa e o apego do sujeito surdo com a pessoa e/ou grupo que fazem parte da fotografia registrada.

Ainda utilizando os pressupostos do guia FotoLibras, a autora Azra (2009, p.35) identifica que “no ato de fotografar, criamos imagens que estão ligadas à nossa cultura, língua, experiência, formação e criatividade.”

Concatenando assim com as ideias apresentadas pelo autor, referendamos que ao ler os relatos e ver as fotografias apresentadas pelos surdos, é facilmente percebido que na maioria das fotografias os participantes representam um apego emocional/sentimental nas situações registradas.

Concordando com Frutiger (2001 *apud* Sofiato et al. p.3) que a cada “pisar de olhos, o ser humano visualiza uma imagem. As nossas ideias e criações, lembranças e sonhos, enfim, toda a nossa experiência se apresenta em séries de imagens.”

Sendo assim, a fotografia é uma forma instantânea, e mesmo tempo uma situação que registramos determinado momento em nossa própria memória.

Segundo Sofiato

“para Platão e Aristóteles, a imagem também se tornou núcleo de reflexão. Platão considerava que a imagem seduzia as partes mais fracas de nossa alma, enquanto Aristóteles sugeria que todo processo de pensamento requeria imagens, e concluía que a alma nunca pensava sem uma imagem mental. (SOFIATO 20--, p.4).

Com os avanços metodológicos, é possível reconhecer a fotografia até mesmo através da Filosofia. Neste contexto, a fotografia é uma forma de reflexão e transcrição de um sentimento e/ou momento pessoal. Para referendar este pensamento, Aristóteles sugere que a *alma* não pensa sem *uma imagem mental*.

Concluímos então que a fotografia é uma forma de expressão visual assim como a Língua Brasileira de Sinais, registrando a cada piscar de olhos o subconsciente determinado pela imagem, fazendo com que a fotografia se inter-relacione com experiências imagética do surdo. Para explorar esta reação, apresentaremos o construto conceitual proposto pela pesquisadora surda, Ana Regina Souza Campello.

Na língua de sinais, na descrição imagética e para obter os classificadores no campo visual é percebido de forma organizada e com significado distinto de como a pessoa vê. Este determinado significado de como o vê já é válido pelo fato do conhecimento do mundo se obtém por meio de elementos que por si só constituem formas organizadas. Tudo o que existe na percepção visual e seu campo visual são mais do que a soma das partes que constituem cada coisa. A modalidade viso-espacial, como um dos recursos visuais, é discutida pelos sujeitos Surdos na perspectiva de uma política visual da língua de sinais como um conjunto de experiências culturalmente produzidas. Experiências sociais relativas à utilização dos referenciais visuais da própria língua de sinais e individualmente apropriadas pelo sujeito, “apropriação das experiências presentes em sua cultura”, como destaca a teoria de VYGOTSKY (1987, 1993) ou seja, cultura e visualidade produzidas numa relação de mutualidade. (CAMPELO, 2008, p 209)

Essa visualidade, como apresentado nesta pesquisa, faz parte de um contexto em que câmeras estão mais disponíveis aos sujeitos, como em celulares. Através deste contato mais próximo, as câmeras ficam em nossas mãos a maior parte do dia, registrando de forma mais instantâneas essas experiências, tornando-as registros periódicos, que podem ser acessados e compartilhados a qualquer momento. Tendo assim uma relação emocional e/ou sentimental muito conectadas com individual.

4.1 O QUE AS FOTOS DIZEM

A seguir, os relatos aparecerão como forma de transcrição *ipsis litteris* em Itálico, pois foram produzidos em Libras e transcrito em língua portuguesa.

O encontro com os surdos ocorreu no dia 23 de outubro na sala da SEPOL, na Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral.

É importante destacar que a fotografia foi uma escolha pessoal e determinada pelo participante. As fotos foram feitas pelos surdos sem quaisquer restrições. Como não havia delimitação de projeção, os surdos

envolveram imagens de terceiros, e pelo fato de aparecer o rosto dos terceiros, sem a autorização prévia, decidimos utilizar a ferramenta de edição, com a instabilidade no rosto de terceiras pessoas, deixando-as irreconhecíveis no ponto de vista da imagem. Com os surdos, optamos por deixar o registro integral, sem alterações, conforme autorização apresentada no ANEXO I

As fotografias e os relatos seguem na seguinte ordem de apresentação:

- 1) Sirlei
- 2) Brenda
- 3) Luana
- 4) Rodrigo.



Foto 1 – Sirlei – arquivo pessoal.

Relato 1: *“esta foto mostra a minha relação no meu trabalho, eu trabalho lá no clube ****, e essas duas mulheres ouvintes são as minhas amigas, e ontem quando estávamos sentadas no intervalo da tarde, eu contei uma piada provocando elas, porque uma das mulheres é solteira, e eu fiz perguntas obscenas, falando para ela comprar um vibrador na loja, e eu fiz provocação com elas, aí eu tirei foto delas uma delas estava brava e a outra dando risada desta situação. Então esta foto lembra uma situação minha no trabalho.*



Foto 2 – Sirlei – arquivo pessoal.

Relato 2: *Então esta foto eu tirei faz um tempo, faz parte de um grupo de colegas meus de rock, eles moram em Medianeira, eles estavam junto com meu filho que se chama Rafael. Eles estavam no momento de brincadeira, de pular em cima do outro, fazer montinhos, e eu aproveitei e tirei esta foto porque achei muito legal este momento, então agora estou um pouco triste porque eu sinto falta dos meus amigos.*



Foto 3 – Sirlei – arquivo pessoal.

Relato 3: *“então esta foto, faz 2 anos que tirei, é aqui em matinhos, na praça de matinhos, na época de natal. Nós estamos passeando olhando a praça a noite, eu minha filha e meu filho. Aí eu disse para meu filho, - Não mexa nesse mago de natal! e neste mago de natal tinha uma caixa de ouro, ele falou – eu vou pegar essa caixa de ouro, e daí eu falei nossa, fui lá e tirei uma foto.”*



Foto 4 – Brenda (Selfie)– arquivo pessoal.

Relato 4: *então eu estava muito feliz, tomando um café, estava imaginando muito, então é um momento muito feliz meu.*



Foto 5 – Brenda- arquivo pessoal

Relato 5: então eu tirei esta foto, porque era um momento que uma amiga minha estava brigando com a sua filha, e mandou a sua filha assistir televisão.



Foto 6 – Brenda – arquivo pessoal.

É importante destacar que a participante Brenda é indígena e, portanto, a sua identidade transita neste espaço enunciativo. A sua identidade é constituída como um marcador social, conforme aponta a autora Giroletti (2008, p. 26).

Queria-se resgatar este sujeito, investigar e compreender este surdo, que também era indígena, um sujeito com uma identidade marcada por inferioridade e por duplicidade. Sabia-se que existia um novo sujeito, já que os pais, a comunidade e os próprios estudantes haviam nos mostrado isto. (GIROLLETE, 2008, p. 26).

Sendo assim, a LIBRAS é de extrema relevância na vida social do surdo indígena, haja vista, que a sua concepção de mundo é diferente dos ouvintes

ou surdos brancos. Nesta direção, Girollete (2008, p. 36) aponta para as concepções demarcadas por Perlin (1998), onde reconhece, no caso dos indígenas-surdos Kaingang, as “‘Identidades Embaçadas”: as referências na aldeia eram de pessoas com deficiência mental, incapacitadas. Isso se deve a questões históricas, culturais e também, porque na comunidade há surdos adultos excluídos e marginalizados.”

A seguir, continuaremos as observações propostas neste trabalho.

Relato 6: então esta terceira foto, registra um momento meu de estudo, que eu estava estagiando na APAE⁸. Então demonstra meu estágio com a minha amiga na APAE.



Foto 7 – Luana – arquivo pessoal.

⁸ Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais

Relato 7: era um momento muito triste, passando por muitas dificuldades, não tinha vontade de sair, muitas pessoas falavam muitas coisas ruins para mim, então foi por isso que escolhi esta foto, porque representa um momento meu de tristeza, porque eu estava muito animada saia, e de repente mudei de momento. Esta foto, representa um momento bem difícil pra mim, eu estava me sentindo muito mal.

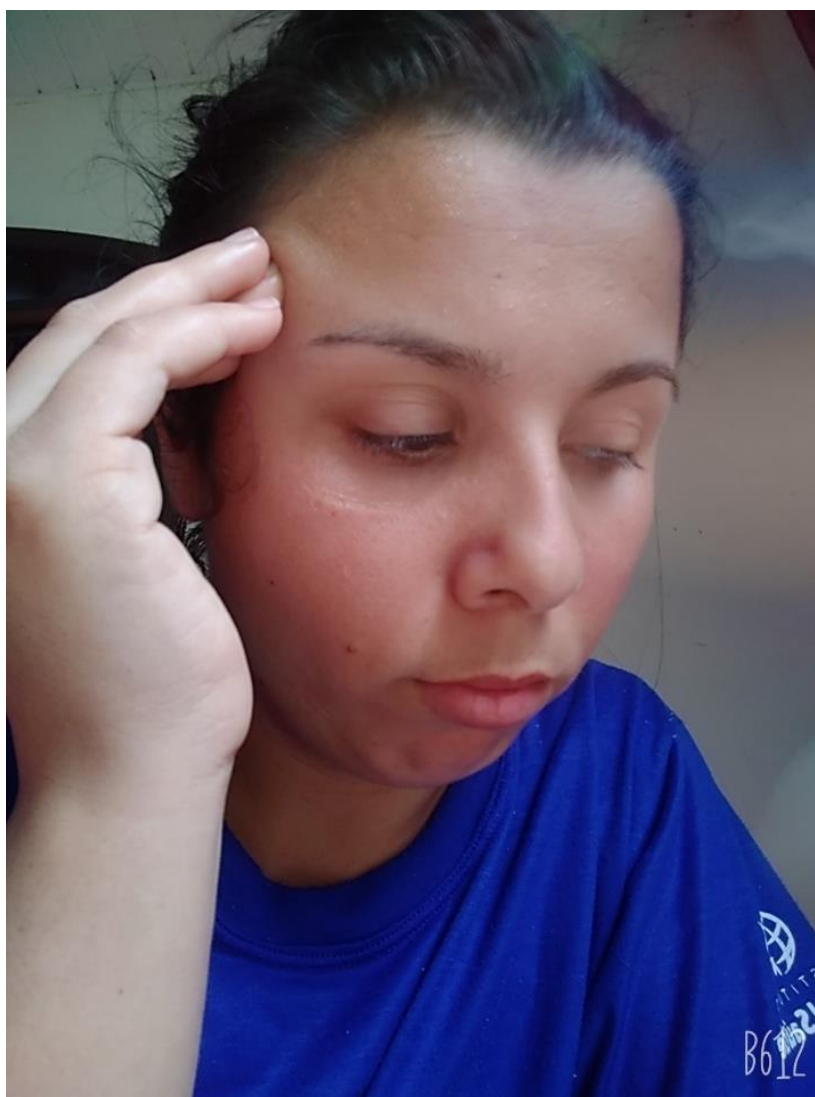


Foto 8 – Luana – arquivo pessoal.

Relato 8: Porque era um momento de dificuldade, eu não estava triste, eu estava em um momento que não me sentia feliz nem triste, então esta foto representava uma fase da minha vida que eu não conseguia fazer nada.

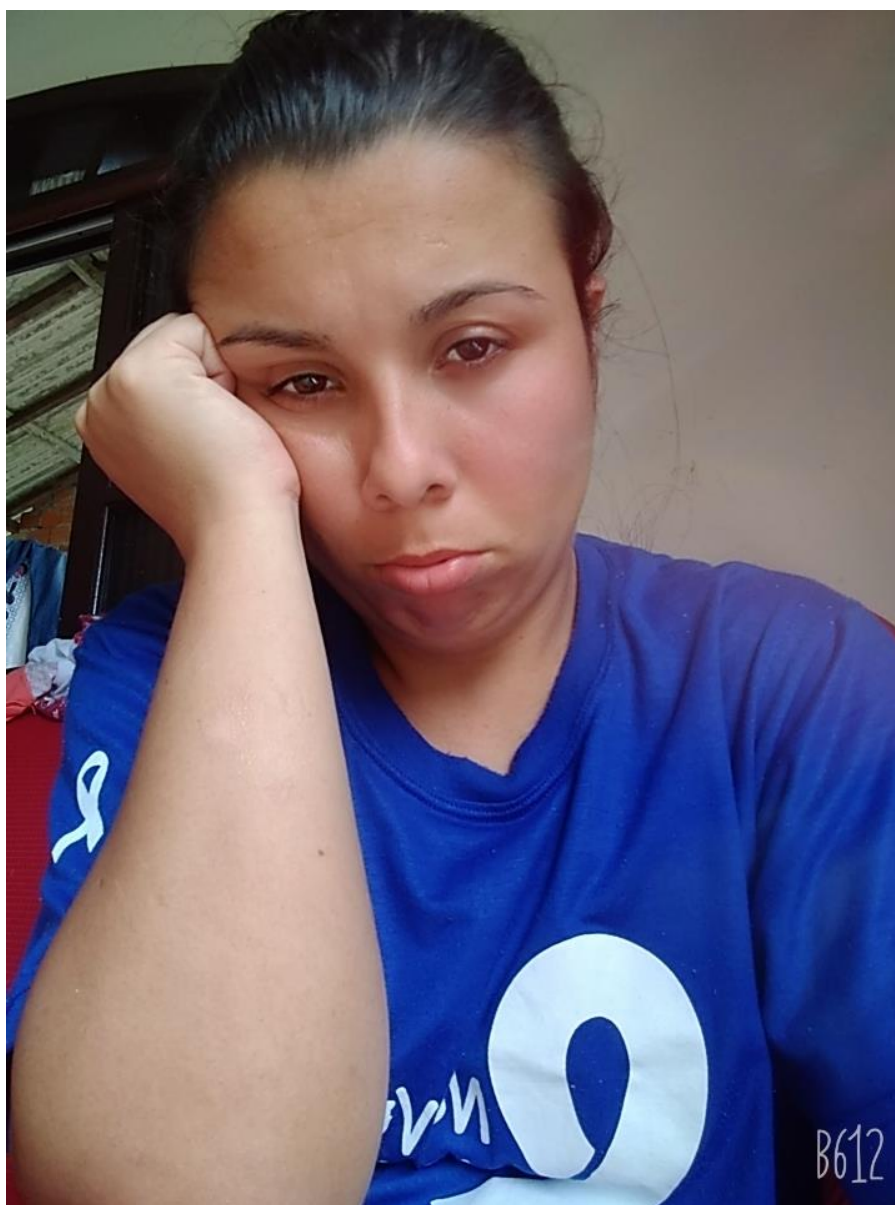


Foto 9 – Luana – arquivo pessoal.

Relato 9: um momento que representa um momento meu de reflexão e de silêncio, um momento que eu precisava me controlar, me conhecer. Representa superação, um momento de esforço, um momento que eu precisava superar meus problemas, pois estava me sentindo muito sofrimento. Então representa esse momento difícil, de enfrentar o que estava passando, com relação a minha vida com minha família com meu estudo, então é meu momento de dificuldade.



Foto 10 – Rodrigo – arquivo pessoal.

Relato 10: disse que escolheu porque achou muito engraçado, eles estavam em um momento feliz, gostei muito e achei engraçado.



Foto 11 – Rodrigo (Selfie) – arquivo pessoal.

Relato 11: *escolhi essa foto porque representou um momento de muita felicidade no trabalho.*

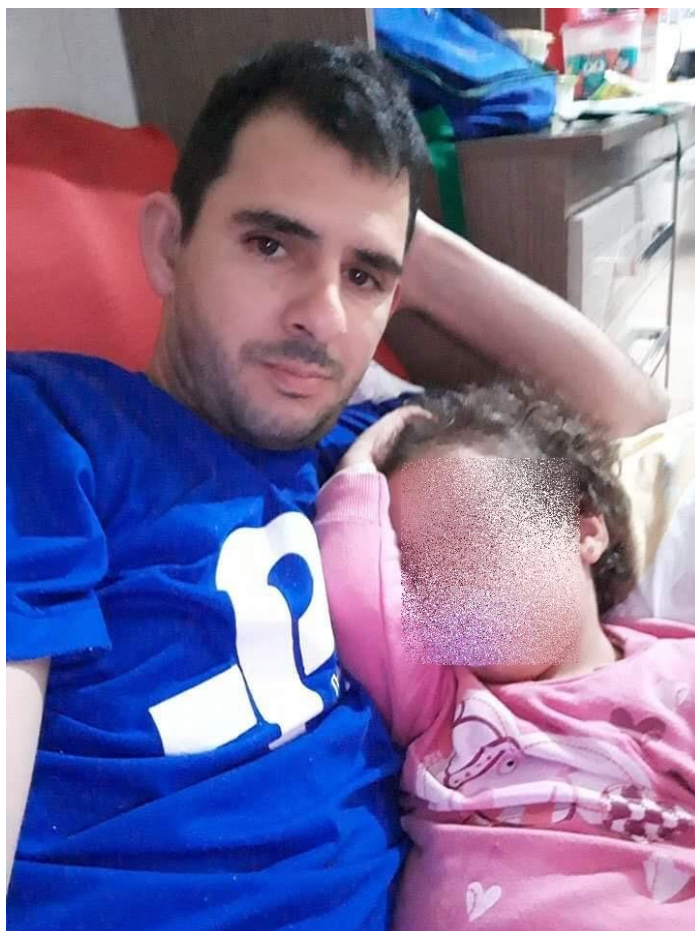


Foto 12 – Rodrigo – arquivo pessoal.

Relato 12: *Esta foto representa muita reflexão e responsabilidade, principalmente o pensamento de ser pai e ter que cuidar da minha filha.*

4.2 A RELAÇÃO DAS IMAGENS COM A IDENTIDADE SURDA

As imagens apresentadas pelos surdos refletem diretamente uma Cultura visual, para o pesquisador Ribeiro (2005, p. 640) o estudo (exploração) das expressões visuais por meio de uma abertura da obra de arte e de outras formas de discursos visuais (design, media, manifestações visuais populares), constitui uma abordagem multi e interdisciplinar (antropologia visual, sociologia da cultura, semiótica, filosofia da linguagem, tecnologia) e de integração metodológica de antigos e novos métodos de abordagem da cultura e da cultura visual.

Por analogia, a relação entre os surdos e as fotografias são referendadas por Lopes (200_)⁹ que qualifica as produções respaldadas pelas memórias, apegos, sentimentos e relações diversas que os registros causam.

“A partir da leitura das imagens fotográficas podemos resgatar a memória e a história, elaborando um diálogo que possibilita um outro olhar e conhecimento da realidade. A observação de uma imagem fotográfica mobiliza associações e evocações de outras imagens mentais armazenadas na memória. A partir da interpretação da foto podemos reconstituir o passado, rememorando informações, emoções e situações vivenciadas anteriormente” (LOPES, 200_, p.3).

No campo das análises, percebemos através das imagens e dos relatos, que os surdos trabalham com as fotografias com o apego a foto.

Além disso, apesar de solicitarmos que os surdos registrassem as imagens, um número significativo de registros fora enviado de fotos antigas registrados pelos surdos. Atualmente vivemos em uma sociedade que registra imagens para diversos fins, contudo, essas imagens que obtivemos na pesquisa, apresenta uma mistura de sentimentos apresentada pelos surdos.

Essa mistura de sentimentos, é enaltecida partindo dos registros dos surdos, colocando o passado como evidência, especialmente as relações estabelecidas entre os participantes. Conforme aponta Lopes (200_, p. 03), “a partir da interpretação da foto podemos reconstruir o passado “como foi registrado em imagens e relatos apresentados pelos surdos.

⁹ A data apresentada no documento 200_ com formato incorreto, é parte integral da referência, sem quaisquer alterações realizadas por nós.

Além disso, por serem fotos registradas por surdos, atenuamos a constituição do olhar surdo na construção da imagem, destacando a ocorrência do autorretrato da pessoa surda.

Foi comum, em todos os surdos a valorização do autorretrato. Essa questão nos parece comum entre surdos e ouvintes, pois é a partir do outro surdo, ou do autorretrato que o surdo constitui a sua imagem, Conforme Perlin (2013) a constituição da pessoa surda se dá partindo de suas experiências visuais.

Além disso, foi perceptível, no relato da Sirlei, que a mesma se caracteriza com a identidade surda híbrida. Além da mesma transitar no momento da entrevista, entre a LIBRAS e a estrutura do português na oralidade, ela designou nas suas imagens informações sobre a forte relação com ouvintes, incluindo situações de convívio relatadas em seu ambiente de trabalho, que são diretamente ligadas à sua experiência com a pessoa ouvinte.

Nas fotografias apresentadas pela Sirlei, ela traz um convívio com outras pessoas, momentos que marcaram sua história. Na fotografia 1, ela relembra um momento recente no local onde trabalha, sendo as outras duas fotografias, momento em que seu filho está presente, enaltecendo momentos felizes em que ela mesma registrou.

As fotografias da participante Brenda, relatam a sua situação de felicidade. Nas demais imagens, ela demonstra duas situações vividas com as suas amigas. Uma imagem representa um momento com a sua amiga surda Luana sua filha, e na outra, um registro com a sua amiga ouvinte em um momento de estágio na APAE.

Nas imagens apresentadas pela Luana, a mesma trouxe fotos de autorretratos. É perceptível que ela registrou todas as fotos em um mesmo dia. Ela relata que estava vivendo um momento difícil, passando por alguns problemas e que havia se afastado das coisas de seu cotidiano. Ela é casada com o outro participante Rodrigo, e juntos tem uma filha ouvinte.

Nas fotografias apresentadas por Rodrigo, vemos que o mesmo trouxe imagens de momentos felizes, com seus colegas de trabalho. Além disso, apresentou fotos de autorretrato, determinando momento relacionado ao seu local de trabalho e a sua alegria de ser pai.

Portanto, as fotos registradas e encaminhadas pelos surdos, representam momentos muito singulares, de autorretrato, de imagens com outros surdos e de contextos muito específicos.

Não foram apresentadas imagens de Matinhos, tão pouco de outras situações vividas na cidade, exceto uma imagem apresentada pela surda Sirlei.

Seria interessante a realização de uma pesquisa mais aprofundada visando estabelecer a identidade surda com a vivência local na cidade de Matinhos, encontrando nuances entre os surdos que vivem nesta cidade, e as relações identitárias estabelecidas em sua local de moradia.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na introdução desta presente pesquisa, fora proposto como objetivo final “demostrar aos ouvintes, a realidade do cotidiano da pessoa surda, percebendo quais são as suas conexões imagéticas com a realidade presente em suas vidas, contrastando com a sua questão identitária”.

Apesar do pressuposto apresentado metodologicamente, em momento algum, os surdos estabeleceram imagetivamente relações diretas com a cidade de Matinhos. Tal dado é de relevância, haja vista, que o trabalho foi costurado com a intenção de coletar estas informações e apresentar os dados obtidos aos leitores.

Sugerimos futuras pesquisas para identificar o porque as pessoas surdas não estabelecem relações imagéticas com a cidade de Matinhos, com o intuito de identificar as variáveis que impulsionam a pessoa surda na identificação com a sua cidade.

Conclui-se com esta pesquisa, que a fotografia é uma forma de expressão visual, composta pela semiótica, e presente no cotidiano da pessoa surda.

A semiótica, conforme já apresentado, compõe todas as formas em que o homem se comunica e se apresenta, nesta constituição, é necessário considerar todas as formas de linguagens utilizadas pelo ser humano. Portanto, a semiótica é a causa dos surdos terem registrado determinado momento após a experiência de vida.

A fotografia assim como a língua de sinais, é uma forma de expressão unicamente visual. Partindo desta concepção, podemos compreender que as comunidades surdas, não são compostas apenas por pessoas surdas, mas sim por um grupo com interesse comum pela cultura surda e a língua de sinais.

Sugerimos que pesquisas futuras possam abordar as relações mais complexas dos surdos com a imagem e o seu local de vivência, considerando as nuances linguísticas, de gênero, classe social, e condições socioeconômica.

Para Moraes (2002), a ideia de pesquisar é assimilada a ideia de aprender, tornando-se mais completa ao final do processo. Além disso, o autor indica que “precisamos questionar nossa linguagem de dentro. Precisamos reconstruir nossos conhecimentos enquanto nos movimentamos dentro deles. Nisto se insere o questionamento reconstrutivo.” (Moraes, 2002 p.4).

Sendo assim, para obter um resultado, devemos questionar e reconstruir o conhecimento. O questionamento é a reconstrução, e este foi o ponto inicial para a construção desta monografia.

Nesta pesquisa, reconheci o impulso que tive na elaboração deste tema, pois sempre me vi nesta relação de afeto com as fotos. Logo, impulsionando a temática dos surdos, afinal, eles falam e “escutam” partindo de construções imagéticas.

Para tanto, conforme apresenta Moraes (2002), o objeto de pesquisa faz parte direta da perspectiva do pesquisador, levando a interlocução entre o teórico e prático. Sendo assim, deixo aqui o preenchimento da lacuna, e espero que ela sirva de base para os demais pesquisadores que desejam desbravarem este campo tão incipiente de pesquisa.

REFERÊNCIAS

A surdo mudez no Brasil, INES, 2013. Série histórica do instituto Nacional de Educação de Surdo – Rio de Janeiro.

Balde digital. **Os irmãos Lumière e a fotografia colorida**. Disponível em < <https://baldedigital.wordpress.com/2010/05/31/os-irmaos-lumiere-e-a-fotografia-colorida/> > acesso em 19 de agosto 2019.

BATAGLIN, Mayara. **Experiência visual e arte: elementos constituidores de subjetividades surdas**. In IX ANPED Sul, 2012.

BAURET, Gabriel. **A fotografia história, estilos, tendências, aplicações**. Lisboa, Edições 70, 2010.

BRASIL. Decreto nº 5626 de 22 de dezembro de 2005. **Regulamenta a lei nº10.436 e dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras**. Diário Oficial da União (DOU), Brasília, DF, 22 de dez. 2005. Disponível em < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm > acesso em abril de 2019

BRASIL. Lei nº10.436, de 24 de abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais**. Diário Oficial da União (DOU), Brasília, DF, 24 abril, 2002. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm >

CALDEIRA, Bárbara Maria; CAVALCANTI, Vanessa Ribeiro Simon. **História e Fotografia: do protótipo daguerreótipo ao papel de fonte visual no planejamento didático**. Cordis: Revista Eletrônica de História Social da Cidade, [S.l.], n. 8, dez. 2012. ISSN 2176-4174. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/cordis/article/view/12928/9396>>. Acesso em: 02 nov. 2019.

CAMPELLO, Ana Regina e Souza. **Aspectos da visualidade na educação de surdos**. Florianópolis, 2008. 244 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação Disponível em: <<http://www.tede.ufsc.br/teses/PEED0703-T.pdf>>

CAMPOS, S.M.C.T.L. **A imagem como método de pesquisa antropológica: um ensaio de Antropologia Visual**. Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, (5: 275-286,1996.

CARVALHO, Ana. **A fotografia representativa**. Obvious; escrever com a luz. Disponível em <http://lounge.obviousmag.org/escrever_com_a_luz/2012/04/a-fotografia-representativa.html> acesso em 09 de setembro de 2019.

CARVALHO, G. **enxergando a fotografia como um projeto**. 1ª edição. eBook. 2015.

CATIVO, Jorge. **Como fazer a metodologia em um projeto?** Biblioteconomia digital. 2017. Disponível em <<http://www.biblioteconomiadigital.com.br/2010/07/comofazermetodologiaemu> mprojeto.Html > acesso em 02 de nov. de 2019
Coleção letras libras – eixo formação específica. **Stokoe**. Disponível em : <<http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificaf/lingua BrasileiraDeSinaisl/scos/cap18890/1.html>>. Acesso em 26 de abril de 2019.

____ **Conceito de comunidade**. Disponível em: <<https://conceito.de/comunidade>> acesso em 19 de abril de 2019.

____ **Diário do grande ABC. Quem inventou a fotografia**. Disponível em <<https://www.dgabc.com.br/Noticia/51708/quem-inventou-a-fotografia->> acesso em 02 de jun. 2019.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Tradução Marina

Appenzeller. – 14º ed. Campinas, SP. Papyrus, 2012.

FOTOLIBRAS. FotoLibras: **Guia para a elaboração e implementação de projetos de fotografia participativa com surdos**. Recife: Editora Grupo Paés, 2009. 164 p. FOTOLIBRAS. FotoLibras: Guia para a elaboração e implementação de projetos de fotografia participativa com surdos. Recife: Editora Grupo Paés, 2009. 164 p. Il. Color.

GERHARDT, E. T, SILVEIRA, T. D. **Métodos de pesquisa**. Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GESSER, A. **Libras? Que lingue é essa?** 1º edição, São Paulo: Parábola editorial, 2015.

GIL, C. A. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIROLETTI, Marisa Fátima Padilha. **Cultura surda e educação escolar kaingang**. Florianópolis, 2008. 218 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação Disponível em: <<http://www.tede.ufsc.br/teses/PEED0684-D.pdf>>

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. Censo Demográfico 2010 Matinhos, 2010. Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/matinhos/pesquisa/23/23612>> acesso em 29 de out. de 2019.

LOPES, E. A. **Ato fotográfico e processos de inclusão: análise dos resultados de uma pesquisa- intervenção**. PUC RIO. 200__.

LOPES, Franklin. **Antropologia visual**, comportamento e cultura material.

2019, disponível em: <
<http://franklinlopes.com/antropologiavisual#antropologiavisual1> > acesso em
 02 de nov. de 2019.

MARTINS, S. José. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo, Edusp – coleção Artistas da USP, 2008.

MORAES, R. **No ponto final a clareza do ponto de interrogação inicial: a construção do objeto de uma pesquisa qualitativa**. Educação, Porto Alegre (2002).

RIBEIRO, José da Silva. Antropologia visual, práticas antigas e novas perspectivas de investigação. **Rev. Antropol.**, São Paulo, v. 48, n. 2, p. 613-648, Dec. 2005. Disponível em:
 <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012005000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 02 nov. 2019.

RIBEIRO, S da J. **Antropologia visual, práticas antigas e novas perspectivas de investigação**. Universidade Aberta de Lisboa. 2005.

RODRIGUES, A. **Experiências visuais de sujeitos surdos: encontros com a fotografia**. 2015, 93f. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Centro Universitário Univates, Programa de Pós-graduação Stricto Sensu. Lajeado, 2015.

SANTAELLA, Lucia. **O que é semiótica**. São Paulo: Brasiliense. **Semiótica**. Amazon. ebook. 2007.

Significado de comunidade. Disponível em: <
<https://www.significados.com.br/comunidade/> >. Acesso em 19 de abril de 2019.

SKLIAR, Carlos (org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 6ª edição. Porto Alegre: Mediação, 2013.

SLOMSKI, V. G. Definições e posturas. In:_____. **Educação bilíngue para surdos: concepções e implicações práticas**. Curitiba: Juruá Editora, 2010. P.29-43.

SOFIATO, C.G; LEÃO, G. B de O e S. **O uso da iconografia na educação de surdos: diálogos possíveis**. 12p. EdUECE – Livro 3, ano irregular (20--)

SOUZA E SILVA, W.. **Imagem e subjetividade: narrativas fotográficas confessionais e a estética da afetividade**. Ciberlegenda (UFF. Online), v. 2, p. 65-75, 2014.

VALENTE, Nelson. **Introdução à semiótica – de Charles Sanders Pierce**. ebook.

VALENTE, Nelson. **Semiótica – A invasão dos signos**. Amazon ebook. 2013

ANEXO I

TERMO DE CESSÃO DE E IMAGEM

Participante:

Pesquisadora: Camila Maria da Silveira

Orientador: Ringo Bez de Jesus

Título da Pesquisa: O surdo e a fotografia: a experiencia da visualidade dos surdos na cidade de Matinhos-PR

Órgão de fomento: Sem financiamento

IMPORTANTE

Informamos que será garantido a privacidade das informações dos participantes da pesquisa em todas as suas fases. Embora a sua imagem permaneça disponível para o uso acadêmico desta pesquisa, asseguramos a não estigmatização dos participantes da pesquisa, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou de aspectos econômico-financeiros.

Ao assinar este documento você passará a integrar a base de dados da pesquisa na qualidade de participante do estudo intitulado: “O surdo e a fotografia: a experiencia da visualidade dos surdos na cidade de Matinhos-PR” lembrando que a qualquer momento você poderá retirar o consentimento, independentemente do andamento da pesquisa.

Dados concedidos:

Informações prestadas nas entrevistas

Imagens publicadas na monografia

Assinatura do participante

Data __/__/__

Assinatura do pesquisador responsável